



III Fórum de Saúde da População Negra: Memória do Encontro com a Gestão.

CCN Jabaquara, 24 de novembro de 2018.

O evento ocorreu em um momento importante, tendo em vista que o Centro de Culturas havia sido atacado às vésperas do Encontro do Fórum. Esse ataque representa também um ataque à saúde da população negra, visto que a cultura afro-brasileira, visto que o respeito à ancestralidade é um dos grandes pilares da saúde da população negra, ali representada pelo nome e história do Centro (Mãe Sylvia de Oxalá). Sendo assim, o Fórum tem início com uma fala do Babalorixá Celso de Oxaguiã acerca do ocorrido, brilhantemente nos lembrando que “a intolerância religiosa é filha direta do racismo”, assim como, traçando um panorama da trajetória de Centro de Culturas Negras assim como da importante Yalorixá que nomeia o espaço.

Fundamental elucidar as intrínsecas relações entre o Fórum Municipal de Saúde da População Negra com o Centro de Culturas Negras do Jabaquara, pois Mãe Sylvia fez sua primeira graduação em enfermagem, atuando nas alas pediátricas de alguns hospitais de São Paulo. Sofreu dois AVCs e foi iniciada no culto aos orixás por Pai Caio de Xangô, seu tio. Segundo relato da própria mãe Sylvia: “Entrei de cadeira de rodas e sai andando. Graças aos orixás”. (CORREA, p.92, 2014). É também, com essa Iyalorixá no comando do Axé Ilê Obá que se dá o processo de tombamento daquele Terreiro. Mãe Sylvia é gigante e não há ataques à seu legado e memórias que possam apagar toda uma história de luta e valorização dos saberes africanos e afro-brasileiros, bem como a promoção de saúde da população negra.

O mesmo vale para o centro de culturas em si. Mas, cabe ressaltar que esse ataque se configura enquanto revelador dos processos de expansão dos valores racistas e conservadores, incitados tanto pelo atual governo federal, quanto estadual e municipal. Não se trata de dizer que esses governos criaram esses discursos e ações, mas sim, de reconhecer que essas narrativas se configuraram como elemento ideológico central das campanhas e vitórias nas eleições.

Portanto, reafirmamos a nossa felicidade em realizar no Centro de Culturas Negras do Jabaquara, o encontro do fórum municipal de saúde da população negra, assim como a importância de fortalecer espaços como esse, devido a sua extrema importância e por suas potentes memórias sobre os territórios negros de São Paulo. Assim, a Aliança colocou-se à disposição, para que também seja partícipe da resposta ao ataque de que o CCN foi vítima.

Aberto o fórum, que tinha como ponto central o encontro dos movimentos sociais e de pessoas comprometidas com a promoção de saúde da população negra com o Secretário de saúde do Município, que foi representado por Valdete Ferreira (Coordenadora da Área Técnica de Saúde da População Negra), o microfone passa para as mãos dos mais velhos em nossa Aliança.

Arnaldo Marcolino (Sindicato dos Radialistas – comunicação em saúde) e Arlete Izidoro (OGBAN – Associação Afro-brasileira), que nos apresentaram com uma análise de conjuntura e



um panorama sobre as iniciativas dos movimentos negros para a melhoria da saúde da população negra do município e do país, ao longo da história. Essas falas tiveram como prerrogativa o início da discussão acerca das demandas e questionamentos que os participantes tinham para com a gestão pública, ali representada por Valdete Ferreira.

Durante a rodada de apresentações, cabe destacar, que o evento contou com pessoas de diversas áreas da produção do conhecimento, da saúde ou não. Contamos com enfermeiras, médicas, psicólogas, preparadoras físicas, cientistas sociais, geógrafas e jornalistas. Aspecto este, muito importante, pois como bem dito por Arnaldo Marcolino: “a saúde sozinha não dá conta”, então é necessária a articulação entre os diversos setores, assim como de toda a sociedade civil para que a promoção de saúde e a universalidade do SUS sejam reais. Cabe ainda ressaltar que, como também nos lembrou Arnaldo Marcolino, o fato de que o SUS ainda é “uma criança”, criado em 1988, somente 30 anos. Tratar da política nacional de saúde da população negra é também ter em mente sua “pouca idade”: mesmo com sua pouca idade e com a implementação do quesito raça/cor nos sistemas de informação de saúde do município em 2017 e também com áreas como a Área Técnica de Saúde da População Negra, a União devolveu aos cofres federais 10 milhões de reais destinados a implementação da Política Nacional.

A devolução dessa verba se mostra como agente revelador dos problemas enfrentados pelas pessoas comprometidas com a implantação da política nacional e com a promoção de saúde para a população negra, sendo essas pessoas servidoras públicas ou não. Como bem nos mostraram Dra. Eliziane(médica no município), Sheila Pereira (APROFE) e Valdete Ferreira em seus relatos.

Durante a sua explanação, Arlete Isidoro (OGBAN) nos apresentou algumas das demandas que foram tiradas a partir do Seminário de Saúde da Cidade Tiradentes, realizado em Setembro de 2018: foco na saúde mental, principalmente nas mulheres negras, que apresentam altos índices de problemas gerados majoritariamente pelo racismo institucional enfrentado cotidianamente, maior acolhimento para os jovens, que quando chegam ao sistema de saúde estão carregados de problemas que se somatizam: as drogas, a violência e as condições sociais. Também foi levantada a necessidade de que os hospitais temáticos sejam equipados para atender as necessidades de cada região, o que só pode ser feito a partir de um estudo aprofundado sobre quais são essas especificidades. Foi levantada também, a necessidade de serem compartilhadas mais informações com as pessoas, principalmente nas regiões de periferia do município, pois é lá onde é necessário mais atenção; listou ainda a necessidade de que a Estratégia Saúde da Família estabeleça contato com a política nacional de saúde integral da população negra, bem como a necessidade de que os hospitais partilhem de valores como a empatia e a solidariedade durante os acolhimentos.

A fala de Valdete Ferreira nos ensinou muito sobre a situação em que se encontra a saúde da população negra dentro da máquina pública do município. É sabido que o racismo institucional é presente em todas as esferas da sociedade, pois é estruturante dessa mesma sociedade. Sendo assim, ser uma mulher negra dentro da Secretaria municipal de saúde e pautar a saúde da população negra, a partir da manutenção da área técnica é algo que reúne diversos



desafios. Segundo Valdete Ferreira, nas mudanças de gestão a Área Técnica de Saúde da População Negra desaparece e, por inúmeras vezes foi necessário fazer pressão para que ela permaneça na estrutura. Também nos foi dito acerca da dificuldade em se fazer as capacitações (devido á falta de funcionários e a falta de vontade dos gestores dos hospitais, por exemplo). Cabe dizer que a estratégia usada para esse problema tem sido os cursos EAD. Outro problema apontado por Valdete Ferreira está no fato de que ela está sozinha nessa área, sem apoio, segundo ela. Todos esses problemas estão ligados aos problemas de personalismo e falta de continuidade das ações, isto é, a cada mudança de gestão, a cada aposentadoria que ocorre há um esfacelamento das ações e diretrizes tomadas anteriormente. Para esse problema surgiu a proposta de pautar a saúde da população negra enquanto plano permanente.

A partir das considerações feitas durante o encontro parece fundamental retomar a fala de Arnaldo Marcolino: “os nossos representantes na Gestão só serão implementadores da política nacional de saúde da população negra se a população fizer pressão para isso” o que nos mostra a importância central dos encontros do fórum municipal de saúde da população negra. Como mecanismo de comunicação, articulação e ações em vistas à promoção de saúde da população negra.